



EDUCAÇÃO PÚBLICA E PESQUISA: ATAQUES, LUTAS E RESISTÊNCIAS

Universidade Federal Fluminense
20 a 24 de Outubro de 2019
Niterói - RJ

ISSN 2447-2808

4798 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

Diálogos interculturais no currículo de História: Identidades étnico-raciais, saberes escolares e vivências estudantis na rede pública do Rio de Janeiro
Eleonora Abad Stefenson - UFF - Universidade Federal Fluminense
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Diálogos interculturais no currículo de História: Identidades étnico-raciais, saberes escolares e vivências estudantis na rede pública do Rio de Janeiro.

As primeiras pistas do nosso processo investigativo:

As pesquisas com narrativas biográficas vêm se multiplicando e ganhando espaço nas produções do campo educacional, em especial no que diz respeito aos estudos sobre as histórias de vida de professores e sobre as histórias da profissão docente, no entanto, como nos aponta Weller (2014), não se constata semelhante acúmulo de reflexões acerca de outros sujeitos centrais no espaço escolar, os estudantes. Em certo sentido, a produção acadêmica, atenta à experiência docente, não vem dedicando igual atenção a vivência discente destes processos no espaço escolar. Tal fato acaba não somente por invisibilizar outras narrativas que cruzam esses caminhos, como também as formas “outras” de se narrar nessas disputas identitárias que, se de fato atravessam os muros da escola, ainda não parecem conseguir derrubar a porta da sala dos professores na produção acadêmica.

As transformações sentidas na sala de aula nos oferecem pistas sobre esta multiplicidade de sentidos negociados e disputados no que tange à história, enquanto disciplina escolar, pelos jovens estudantes. As diversas formas de (se) narrar neste processo nos apontam para possibilidades de leituras políticas sobre as suas realidades e sobre o mundo.

Atentos a esta característica da pesquisa, enquanto espaço de cruzamentos de diferentes saberes, como é a pesquisa em Educação e, em especial a pesquisa a ser construída no interior da escola com os seus atores (os estudantes), neste território comum ao pesquisador e aos pesquisados, buscamos na metodologia da pesquisa-intervenção, mais especificamente, na pesquisa cartográfica (PASSOS, KASTRUP e TEDESCO, 2014) as pistas que orientam nosso percurso investigativo.

Neste sentido, nos debruçaremos neste texto como pesquisador-cartógrafo sobre as entrevistas realizadas com Fill^[1], um jovem rapper, estudante do terceiro ano do Ensino Médio, em Niterói.

Pesquisamos, portanto, com o Fill, buscando compreender o seu percurso formativo que se constrói “no entre”, no transbordamento. Um percurso que não é arborescente. É rizomático (DELEUZE e GUATTARI, 2011) e, neste sentido, atravessado por múltiplas vozes, velocidades e temporalidades.

(...) é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. Inexistência, pois, de unidade que sirva de pivô no objeto ou que se divida no sujeito. Inexistência de unidade ainda que fosse para abortar no objeto e para “voltar” no sujeito. Uma multiplicidade que não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p.23)

Tecendo o rizoma da Pesquisa Cartográfica

Antes de adentrarmos em nossa análise, faz-se necessário situar as escolhas teórico-metodológicas que orientam este trabalho em seu campo mais amplo: o da pesquisa em Educação. Neste sentido, recorreremos às reflexões de Tardif (2000) acerca das diferentes tradições teóricas e intelectuais nas quais as produções sobre saberes docentes estão inseridas para evidenciarmos as correntes de ideias que mobilizamos e os diálogos que travamos em nosso pesquisar. Evidenciar as redes deste rizoma é também cartografar, uma vez que “cada um de nós era vários, já era muita gente. (...) Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados” (GUATTARI e DELEUZE, 2011, p. 17).

Em sua produção, Tardif (2000) realiza um esforço de mapear e categorizar as principais concepções teóricas que influenciam a pesquisa sobre saberes docentes, em especial na América do Norte, onde observa uma parte significativa das atuais pesquisas nas ciências da educação. Embora o autor esteja se debruçando de maneira mais específica sobre as pesquisas acerca dos saberes dos professores, entendemos ser possível nos apropriarmos de sua análise para nos situarmos em um quadro teórico mais amplo da pesquisa em Educação.

Neste exercício inicial de tracejar os contornos teóricos de nossa pesquisa, recuperamos as “tradições de inspiração psicológica” (TARDIF, 2000) que ao longo do século XX foram muito significativas nas pesquisas em Educação, contribuindo para abordagens sobre o ensino a partir de perspectivas subjetivistas, voltadas para as experiências individuais dos sujeitos envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem e, em especial, para a fenomenologia.

Para essa tradição de pesquisa, o pensamento humano não se limita à relação cognitiva entre “o sujeito e o objeto” que caracteriza o conhecimento científico ou empírico em sentido amplo. O pensamento compromete a pessoa inteira, sua história e sua vivência. O pensamento humano é sempre o pensamento não de um sujeito cognitivo, mas de um “ser-em-situação” ou de um Dasein, isto é, de um ser que se relaciona com o mundo segundo o ponto de vista fundamental da intencionalidade, da significação, e que pertence a uma cultura, a tradições, a uma história, a partir das quais ele compreende e aborda as coisas do ponto de vista geral da compreensão e da interpretação. O mundo (por exemplo, uma sala de aula) é visto aqui como um tecido mutante e vivo, em termos de significados, no qual a pessoa se encontra totalmente imersa e ao qual ela se reporta em suas atividades de compreensão (p.14).

Como nos aponta Tardif (2000), a pesquisa que dialoga com as tradições da investigação fenomenológica propõe uma compreensão dos processos de subjetivação dos sujeitos nela envolvidos, inclusive do próprio pesquisador, entendido com parte deste “tecido mutante e vivo” que é

o plano da pesquisa. Ou seja, trata-se de uma escolha teórico-metodológica em que não é possível pensar em uma realidade prévia à própria pesquisa, pronta para ser apreendida pelo pesquisador, mas sim em um processo de pesquisa que produz esta realidade através dos entrecruzamentos de redes de vivências e experiências que se dão em um plano comum, em um território a ser cartografado pelos envolvidos no pesquisar. Segundo esta perspectiva, toda pesquisa é, portanto, uma intervenção (PASSOS e BARROS, 2015, p.30).

Neste sentido, nossa aposta metodológica de pesquisa intervenção baseia-se, inicialmente, nos debates realizados por Passos, Kastrup, Escóssia (2015) e Tedesco (2014), pesquisadores vinculados ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que em suas recentes produções intituladas “Pistas do método da cartografia” volumes 1 e 2, tiveram como objetivo “pesquisar processos de produção de subjetividades apoiados nas produções de Deleuze e Guattari” (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2015, p. 9).

Segundo as pistas organizadas pelos autores, a pesquisa cartográfica se constrói a partir de um plano comum compartilhado por todos os envolvidos nela. Um território cujos contornos e rumos são permanentemente negociados por pesquisador e pesquisados sendo, portanto, equivocada a própria ideia de método, cuja etimologia da palavra (*méta* = reflexão, raciocínio, verdade e *hódos* = caminho, direção) sugere que os caminhos da investigação são predeterminados pelo pesquisador antes mesmo de sua imersão no plano da pesquisa. A pesquisa cartográfica propõe, neste sentido, uma reversão *hódos-méta*, ou seja, que no processo de pesquisar é que serão negociados os seus caminhos, assim como será neste *caminhar comum* que as reflexões serão tecidas.

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas prefixadas (*méta-hódos*), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma um *hódos-méta*. A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados (PASSOS e BARROS, 2015, p. 17).

Cartografar, nesse sentido, significa seguir as pistas e no percurso, na caminhada, calibrar as metas e avaliar permanentemente os efeitos da própria caminhada sobre o processo inteiro: o objeto, pesquisadores/pesquisados e os resultados que vão sendo produzidos. Trata-se, portanto, o cartografar, talvez menos de fixar objetivos e avançar em sua direção do que de adotar uma orientação de pesquisa que se renova na própria ação de pesquisar.

É importante, ainda, explicitarmos que estas primeiras pistas de nossa cartografia se construíram ao longo dos encontros nas aulas de História no Colégio Estadual Guilherme Briggs, localizado no bairro de Santa Rosa em Niterói. Encontros impactantes que nos provocou a compreender os percursos formativos desse jovem estudante.

Cartografando com Fill:

Para compreendermos os primeiros passos de cartografia com Fill, entendemos ser fundamental resgatarmos algumas anotações do nosso caderno de campo sobre nossos encontros nas aulas de História. Revisitaremos, em especial, as anotações sobre um encontro que introduziu o ritmo de nossa dança:

Notas sobre a atividade sobre a Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão (1789) e sobre a Declaração de Independência do Haiti (1804), na Turma 2002, em abril de 2017.

A atividade de hoje foi construída a partir das provocações dos estudantes do segundo ano:

- Mais uma vez a Revolução Francesa?! Os franceses estudam tanto o Brasil também, professora? (Douglas)

Tivemos então uma conversa sobre o que é currículo, como ele é construído. Suas narrativas excessivamente eurocentradas... Ensaíamos uma análise do nosso currículo da rede estadual do Rio de Janeiro e a partir daí negociamos uma atividade sobre os sentidos de liberdade que percebíamos em dois movimentos revolucionários do mesmo período: o francês e o haitiano.

- Mas eu vou falar do que é liberdade para eles? Como? Se eu mesmo não sei o que é liberdade! (Fill)

A turma toda concordou com a colocação e questionaram por que não fariam sobre o que eles entendem por liberdade, por direitos.

Acordamos que na aula de hoje cada um traria uma reflexão sobre liberdade para compartilhar com a turma. Estava ansiosa para saber o que cada um iria apresentar após nosso último encontro.

Comecei a aula perguntando quem gostaria de apresentar a sua reflexão. Percebi um burburinho no final da sala.

- O Fill fez uma rima, ele pode apresentar? (Gabriel)

Fill se levanta e se dirige para a frente da turma. Ele inicia sua apresentação. Um silêncio se instaura. A cada palavra a sua voz aumenta, sua expressão se transforma, sua dor, sua revolta transborda...

Todos na sala compartilham sua emoção. Eu compartilho sua emoção...

Com a palavra, o Fill:

Falo de coisas que muitos não querem falar,

Do tipo, vagas das faculdades públicas,

Ocupadas por estudantes de escolas particular.

Enquanto isso, escolas públicas de greve,

Preto, pobre não se forma (vocês sabem que isso procede)

Nós corremos perigo, até crianças sabem que fizeram lambança

Preto, pobre, preso, encarcerado,

Branco, rico, autuado, aprendizado, com direito a fiança.

Essa é sua Pátria Amada do Brasil.

(...)

E se eu protesto, muitos até me chamam de louco,

O problema é que não querem ver

Que o Brasil é de muitos,

Mas os direitos são pra poucos!

Revisitar estas anotações é também reviver estes momentos narrados. É dar novos sentidos a estas experiências e elucidar os primeiros fios que tecem esta pesquisa. Percebemos agora seu princípio, embora seu percurso ainda esteja sendo (re) desenhado.

Nesta atividade na aula de História, fomos surpreendidos em diversos momentos por questões não previamente estabelecidas, fomos obrigados a negociar novos rumos e os limites de nossa proposta, assim como os próprios sentidos atribuídos pelos estudantes à História, enquanto disciplina escolar. Por que em uma aula de História não se pode rimar? O que pode e o que não pode na escola? Por que não falar das minhas vivências?

Conjuntamente com estas questões, outras de ordem identitária também emergem e nos levam a novas negociações, novos tensionamentos. Quais os sentidos sobre ser negro, ser pobre, ser favelado, estudar em uma escola pública, são construídos na fala de Fill?

É diante destas indagações que convidamos Fill para se narrar, uma narrativa que se constitui em *entre lugares*, espaços e tempos que o constituem e com quais negocia suas experiências: a rua, a escola, a família e o trabalho.

Nossas duas entrevistas foram realizadas na sala de estudos da escola, uma solicitação do nosso narrador, em função da sua rotina apressada e, em especial, das obrigações do trabalho. As entrevistas foram marcadas e remarcadas inúmeras vezes, negociamos e renegociamos nossos encontros em meio à rígida grade de horários da escola. Como encontrar um “entre lugar” que nos possibilitasse esse diálogo?

Por fim nos encontramos em duas terças-feiras à tarde e buscamos um espaço mais silencioso em meio ao barulho da escola, a sala de estudos. Uma sala muito usada para reuniões de professores e de estudantes, porém vazia neste horário em que nos encontramos.

Para nossos encontros, foram selecionadas algumas fotografias e imagens encontradas nas redes sociais do nosso narrador, assim como nas da própria escola. Apresentamos estas imagens e convidamos nosso interlocutor a construir sua narrativa com elas, atribuindo-lhes sentidos ao próprio percurso biográfico.

Fill inicia sua narrativa em 2010, ano em que se muda com sua família para São Paulo. A experiência de estar em um novo espaço, desconhecido e que, ao mesmo tempo, representa possibilidades de um novo começo para a sua família, um novo emprego, um novo lugar longe das violências cotidianas que marcavam as suas rotinas e até mesmo a possibilidade de se reinventar neste novo são, não só verbalizadas pelo nosso narrador, mas igualmente sentidas em um tom de voz mais baixo e em uma fala pausada, quase que sussurrada. Um momento de autorreflexão e também frustração ao reviver um sonho que não se concretizou como o esperado...

Eleonora: Por onde você gostaria de começar a contar a sua trajetória?

Fill: Eu começaria por março de 2010, quando eu tive que me mudar do Caramujo (Niterói) e ir para São Paulo. Coincidiu que nesse momento começou a ter uma guerra dentro do Caramujo, aqui virou um caos, logo depois também teve o desastre do morro do Bumba. Aí fomos nós estabelecer lá em São Paulo. Tudo novo, tudo diferente...

(Fill, 18 anos, entrevista realizada em julho de 2018).

A escolha por iniciar sua narrativa em 2010 e, a partir deste momento, tracejar linhas que conectam experiências de sua vida, mais remotas e mais presentes, nos remete a uma construção rizomática. Um percurso que não é linear e não é arborescente. É múltiplo. É, portanto, atravessado por temporalidades distintas que se conectam por linhas. Linhas de fuga que são permanentemente (re)construídas por Fill nos desafiando a mergulhar em sua multiplicidade. Não existe um Fill, mas múltiplos...

As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras. O plano de consistência (grade) é o fora de todas as multiplicidades. A linha de fuga marca, ao mesmo tempo: a realidade de um número de dimensões finitas que a multiplicidade preenche efetivamente; a impossibilidade de toda dimensão suplementar, sem que a multiplicidade se transforme segundo esta linha (DELEUZE, GUATTARI, 2011,p.25).

Em sua narrativa, Fill nos permite perceber os sentimentos ambíguos que marcam sua trajetória em São Paulo: é lá que seu núcleo familiar se desfaz, o que lhe provoca uma profunda revolta, mas é em São Paulo também que Fill descobre o hip-hop.

A descoberta do hip-hop parece estar intimamente relacionada à própria emancipação, à transição entre ser criança e ser um jovem que frequenta sozinho as festas do seu bairro.

Eleonora: E como você conheceu o Hip-Hop?

Fill: Tinha um cara na minha escola que ele já fazia esses trabalhos com Hip-Hop e tal, ele se apresentava na escola. Ele era aluno da escola. Ele tava se formando, era o último ano dele. O nome dele é Ricardo Brown. Ele anda muito com a galera do Dexter. Ele morava lá na área e um dia eu fui na igreja e ele tava lá na igreja. Aí eu fui e troquei uma ideia: “Vem cá, tu não é o cara do rap e tal, curti a tua música. Eu escuto os Racionais, a trilha sonora do Gueto, o Sabotagem. Pô achei maneirão você cantando”. Aí ele: “Pô mano, tu estuda lá na escola, não estuda? Lá no Espiridião?” Aí eu falei: “Pô, estudo.” Aí ele mandou: “Vamos marcar um role qualquer dia?”

Aí fomos para o Ginásio Floresta, onde sempre aconteciam as festas de rap. Primeira vez que meu pai me deixou sair também, sozinho assim... Porque eu só saía com meus primos. Aí foi a primeira vez que eu saí sozinho e foi show dos Racionais.

É interessante perceber que em sua narrativa Fill nos fornece várias pistas sobre os seus espaços de sociabilidade, espaços que se conectam e produzem sentido a sua trajetória: a escola, a igreja, as festas de Rap. É nesta rica trama de tempos e lugares que Fill transita e produz novos sentidos. As festas de Rap, no entanto, parecem ser espaços privilegiados nesta transição para a juventude. Espaços de descobertas e de construção de novas redes de sociabilidade. Espaços onde jovens da periferia constroem suas experiências de lazer.

Pô, foi diferente. Foi uma coisa totalmente diferente. Uma galera diferente. Assim, porque o bairro onde eu morava até hoje é um bairro elitizado. Você tem o Parque dos Príncipes lá em São Paulo que é, tipo, só tem prédio e mansão e o Jaguaré fica no meio. O Jaguaré tem uma parte que é tipo favela, o Mutirão. Então é tipo uma cidade alta, os prédios e tal e a favela. A galera que morava na favela não rodava o bairro eles iam para esses eventos de rap, iam para alguns bailes que rolavam lá também. Mas aí quando eu cheguei no evento, eu vi a galera que morava lá. Vi vários conhecidos, uma galera que estudava também na escola. Aí pô, foi uma experiência diferente.

No seu percurso narrativo, ao produzir novos sentidos, Fill resignifica experiências passadas, redescobrimo sua própria história.

Desde pequeno eu andava de skate por influencia do meu tio. Meu tio foi um dos maiores pixadores daqui de Niterói dos anos 1990. É o Doc. Sendo que eu não tinha noção disso. Eu andava com meu tio, andava com uma galera tipo, Cubano, que é um pixador famoso. O Rio de Janeiro inteiro conhece o Cubano que é um cara que pixou os anos 1990 todo. Ele era de São Gonçalo, o grupo dele é o DSG. Pô eu andava com esses caras, por que meu tio me carregava para andar de skate, mas eu não tinha noção que eu já tava vivendo o Hip Hop praticamente... Então eu vivia aqui mas não tinha noção. Dez anos de idade andando de skate no Caramujo com meu tio, bém mais velho, a gente escutava Rap, mas eu também não prestava muita atenção. Não tinha essa ligação, aquele compromisso...

Ao lembrar sua infância na favela do Caramujo, Fill constrói novas pontes que conectam as diferentes fases de sua vida buscando conferir nexos a sua trajetória. Nesse processo, Fill reconhece nas suas experiências familiares um "legado" que lhe confere legitimidade no cenário hip-hop da sua vivência paulistana. Sendo este "legado", em última análise, a sua própria experiência da cultura periférica urbana.

Ao refletir sobre a produção cultural nas periferias urbanas e, em especial, sobre a cultura hip-hop, Fill constrói um sentido que vai para além dos elementos do hip-hop, ou mesmo das suas rimas, um "compromisso" em criar outras experiências na favela. Um compromisso com o lazer e com a transformação social.

Neste sentido, nosso narrador recorre a diversas trajetórias biográficas de jovens moradores de favelas, conhecidos seus, para corporificar a sua leitura.

Você tem hoje em Niterói um cara que foi para os Estados Unidos várias vezes. O cara saiu do tráfico e foi virar skatista famoso que é o Anderson Steves lá de São Gonçalo, do Morro do Feijão, ele era bandido, foi preso, saiu, hoje ele tem vários patrocínios.

No entanto, a transformação descrita por Fill, não se resume ao seu aspecto social. Ao narrar biografias de transformação social atribuídas ao hip-hop nosso interlocutor nos revela dimensões mais íntimas do que seria a sua própria transformação. A vida em São Paulo significou também o desencontro do que conhecia como a sua família. A separação dos seus pais e o seu distanciamento da mãe conferem a estes novos espaços de sociabilidade uma forte carga afetiva, a possibilidade de construção de uma nova família aonde quer que fosse. Trata-se, portanto, não somente de uma rede de transformação social, como também de transformação afetiva que seria mobilizada em ambas as dimensões no seu retorno ao Niterói.

Minha mãe naquela época deu uma sumida. Aí ficou eu, meu pai e minhas duas irmãs e tivemos que fazer a nossa mudança e vir para cá. Porque a família tava aqui, lá a gente tem parente mas é, tipo longe. Não dava para ficar com eles. Viemos para cá para morar na casa da minha avó e nos estabelecemos aqui com a família em Santa Rosa. Isso em 2013, quando começou o BUM do Hip-Hop aqui no Rio. Em 2014 começaram as batalhas de rap a rolar aqui direto...

Eu tinha um amigo na escola, o Leo, e eu e ele começamos a escrever rimas, começamos a escrever várias músicas... Eu puxava o violão e tal e a galera na escola gostava, eu tocava até nos recreio. Aí um dia eu vi a galera aqui da Beltrão organizando uma batalha de Rap. Aí eu comecei a pensar: A galera daqui de perto também faz uns eventos maneiros! E depois eu também fiquei sabendo que a galera de Icarai também fazia umas rodas e eu comecei a ir e botar a cara para conhecer gente. Aí eu fui conhecendo...

Mais uma vez a escola é apresentada por Fill como lugar de encontro, onde novas redes de sociabilidade seriam tecidas. Entretanto, essa relação com o espaço escolar assumiria uma nova dimensão. Agora, o espaço de encontro também se conforma em um espaço de intervenção.

"Identidades negras em diálogo com o Hip-Hop e resistência". Esse daí é o evento que rolou ano passado em novembro. Fizemos uma batalha de rap, mostramos o que é o Hip-Hop na questão das músicas, foi desenvolvido também as atividades que eu costumo chamar de autoconhecimento. Ir em busca das raízes. Oficina de trança, turbante... É uma coisa que envolve diretamente a questão da ancestralidade né?

Não é a toa que é identidade e resistência. Isso tudo está dentro do Hip-Hop.

A intervenção no chão da escola tensionando as suas estruturas para negociar com as suas experiências de vida podem ser compreendidas como estratégias de superação das distâncias entre estes espaços/ tempos transitados, como nos aponta Weller (2014) ao refletir sobre as trajetórias de jovens rappers no Brasil e na Alemanha.

O conflito vivido na situação de encontrar-se permanentemente no "meio" foi superado pela análise teórico-reflexiva e da transformação desse conflito em uma experiência relevante para a trajetória profissional: "Isso é ideal para mim, esse trabalho". A superação das discrepâncias vividas anteriormente - entre o meio social do grupo e o meio social das instituições educacionais - , representam um elemento importante da satisfação pessoal com os resultados atingidos (p.369).

O coletivo "Favela e Arte" surge como um espaço privilegiado na narrativa do Fill enquanto materialização da transformação social e afetiva que o hip-hop representa para o interlocutor. Neste sentido, o coletivo assume o papel de espaço formativo, pautando não somente agendas que transbordam ao próprio grupo e a favela, mas igualmente propondo a superação entre uma dicotomia escola e rua.

É muito válido você trabalhar não só na rua. Por quê? A formação das pessoas, muitas pessoas, se dá em casa com a família, mas também se dá dentro da escola. Então é super válido você inserir dentro da escola assuntos que não são abordados.

Hoje você tem a olimpíada de filosofia que vai acontecer em Volta Redonda e o nome da olimpíada é "Vozes". Vozes que nunca foram

ouvidas, vozes que foram soltas no ar e ninguém prestou atenção, vozes que são ouvidas, mas foram consideradas irrelevantes, vozes que foram ouvidas e que salvaram vidas.

A proposta foi trazer isso para a escola para abordar especificamente a questão da identidade negra e da resistência. Era também mostrar aonde o Hip Hop está inserido. O Hip Hop vem com fundamentos de inclusão social. Então, o negro está na sociedade, mas precisa ser incluído nas práticas sociais. Ele precisa ser inserido nas classes de forma a criar uma união, não uma divisão.

O coletivo se constitui, portanto, em uma importante estratégia de negociação, conferindo novos sentidos aos diferentes espaços vividos pelos seus atores. Trata-se, portanto, de reconhecer muros e construir portas.

A experiência do trabalho constitui-se em uma das importantes linhas de fuga de nosso cartografar. O trabalho atravessa os passos de Fill, traz novos ritmos a sua rotina e reforça esta experiência de transição para uma vida adulta. Uma vida que tenta negociar as demandas de um jovem com as expectativas familiares.

Fill: Eu acordo às 5 da manhã, tomo banho e vou para a rua e chego às 10 horas da noite, (...) Eu saio da escola, eu tenho autorização para sair meio dia, mas não é sempre que saio meio dia. Às 16h eu pego no trabalho e tem esse projeto emergencial em que eu fico a tarde aqui na escola dando apoio para os alunos.

Eleonora: E onde é seu trabalho?

Fill: Eu trabalho em um hortifruti que é praticamente da família. Meu primo ele montou um hortifruti, ele era feirante e conseguiu montar uma loja lá no Fonseca. Eu trabalho lá. Ele vai para a casa e eu que fico vigiando o hortifruti. Eu que fecho o hortifruti. Eu abro também. Antes de vir para a escola eu abro o hortifruti. Por isso que eu estou morando na casa da minha avó por parte de mãe no Fonseca. Eu saio de casa e abro e seis e meia eu venho para a escola. Tem dia que eu chego atrasado por causa disso. Puxado... E tem dia que eu treino Jiu-Jitsu, segunda e quarta, aí eu fecho o hortifruti oito em ponto para eu conseguir chegar no treino às oito e meia.

Eu vou encaixando os meus horários... Nas férias eu aproveito para fazer cursos, para estudar. Nas férias de dezembro para janeiro eu fiz curso de designer gráfico e fiz curso de produção musical no Vila Lobos. Mas é o que eu falo: Toda luta, sempre no fim vai ter uma vitória. Você vai ter o que merece.

Idas e vindas. Chegadas e partidas. Movimentos que sugerem rupturas que, na experiência do nosso entrevistado, não resistem à percepção de que a cada movimento uma nova ponte se constrói, um novo caminho se descortina no fluir da vida (MENDOLA, 2014). No trânsito, um novo Fill se apresenta no entre aqui e ali com a certeza de que não está lá.

O olhar do Fill sobre a favela nos sugere um mundo de possibilidades que se apresentam em cada ruela, em cada beco, em cada campo, em cada encontro. O que Fill nos anuncia é o *porvir* de uma outra história, uma história rimada na ágora das rodas de periferia.

Bibliografia:

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2011 (2ª Edição).

MENDOLA, Salvatore La. Dialogicamente. Dar vida a percursos de conhecimento em termos de relação ou de experiência? In: CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar (Orgs.). **Narrativas juvenis e espaços públicos**. Niterói; Editora da UFF, 2014.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.) **Pistas do Método da cartografia: Pesquisa-Intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

TARDIF, Maurice. **As concepções do saber dos professores de acordo com diferentes tradições teóricas e intelectuais**. Rio de Janeiro - RJ: PUC-Rio, digitado, 2000. 32 p.

WELLER, Wivian. Narrativas biográficas de jovens: o seus destinos revelam? In: CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar (Orgs.). **Narrativas juvenis e espaços públicos**. Niterói; Editora da UFF, 2014.

[1] Para fins de esclarecimento, ao longo da pesquisa os pesquisados nos informam como querem ser identificados. Entendemos o processo de se nomear como parte importante do processo de subjetivação que pretendemos investigar.